

## O CENTRO-SAGRADO E O PERIFÉRICO-PROFANO NA CONQUISTA DA AMÉRICA

### THE CENTER-SACRED AND THE PERIPHERAL-PROFANE IN THE CONQUEST OF AMERICA

Marcelo Oliveira Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho visa oferecer uma análise sobre o processo de Conquista da América, em especial da América Latina, a partir do antagonismo entre os conceitos de sagrado e profano, bem como da oposição entre o centro e a periferia, tomados em correlação com a percepção eurocêntrica sobre o Novo Mundo. A fim de cumprirmos nosso objetivo, nos serviremos como base as obras de Fustel de Coulanges, no momento em que analisa a mudança de culto da noiva, no casamento grego antigo, e Mircea Eliade, este desenvolvendo uma abordagem a respeito dos rituais que buscam tornar sagrado o que antes era profano. A América e suas populações, vistas como periféricas e profanas, para que sejam dominadas precisam ser antes sacralizadas, trazidas para o centro. Assim, emerge a ideia de sacrifício, o “tornar sagrado”, aqui tomado não apenas no sentido de um ato físico.

**Palavras-chave:** Conquista da América. Sagrado. Profano. Sacrifício.

**Abstract:** The present paper aims to offering an analysis of the process of Conquest of America, especially in Latin America, from the antagonism between the concepts of sacred and profane, as well as the opposition between the center and the periphery, taken in correlation with the Eurocentric perception over the New World. In order to fulfill our purpose, the works of Fustel de Coulanges will serve as a basis for the analysis of the bride's cult change in the ancient Greek marriage, as well as we will base ourselves

---

<sup>1</sup> Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5425-3092>. E-Mail: [marceloctbe@yahoo.com.br](mailto:marceloctbe@yahoo.com.br)



in Mircea Eliade, who developed an approach about the rituals that seek to make sacred the formerly profane. America and its populations, seen as peripheral and profane, should be dominated, so needed to be sacralized, brought to the center. Thus, the idea of sacrifice, the “making sacred”, here taken not only in the sense of a physical act, emerges.

**Keywords:** Conquest of America. Sacred. Profane. Sacrifice.

A história da América constitui-se, sobretudo em seus primórdios, de uma história de conquista, isto é, da ação conquistadora do europeu sobre os povos indígenas que viviam no Novo Mundo. Como um dos fatos marcantes da passagem do século XV para o XVI (o que equivale a dizer, da passagem do Medieval para a Idade Moderna), soma-se a toda uma série de eventos que caracterizariam uma nova forma de pensar o mundo, os seres humanos e suas relações. De modo geral, compreender o processo de descoberta, conquista e colonização ocorrido ao longo de séculos no continente americano vai além de uma mera compilação de fatos: exige uma atenção não apenas a *o que* é narrado, mas também a *como* é narrado.

O objetivo deste artigo é, portanto, oferecer uma breve análise da Conquista<sup>2</sup> da América, em especial da América Latina, a partir de uma abordagem da simbologia do sagrado, contrastando, assim, este termo com o profano, bem como relacionar o espaço do território conquistado a um sentido de periferia, em oposição ao centro, território do conquistador. Da relação entre sagrado e profano, do choque e da necessidade de sacralizar o lugar desconhecido que precisa ser ocupado, dá-se a necessidade do rito, do “tornar sagrado”, ou seja, do sacrifício.

Ressaltamos a importância do texto, no sentido não de uma leitura histórica ou factual da Conquista da América, mas como contribuição ao entendimento simbólico do evento o qual nos serve de pano de fundo. Entendemos a subjetividade não como um empecilho ao estudo do

---

<sup>2</sup> Utilizaremos a palavra “Conquista” grafada em maiúscula para nos referirmos ao processo de dominação dos povos ameríndios por parte dos europeus ao longo do século XVI e seguintes.

momento em que europeus e ameríndios travam contato, mas como uma condição *sine qua non* ao entendimento do mesmo. Afinal, não nos baseamos nos relatos de certos indivíduos para tentarmos reconstituir os eventos do passado? E dentre destes, não destacamos alguns enquanto canônicos, renegando a outros o estatuto de apócrifos? Ora, em geral é a visão eurocêntrica aquela que prevalece, e nela parecem assentar-se os fundamentos de uma pretensa versão objetiva e, por isso, fiel do fato. Mas as versões dos nativos e mesmo dos europeus que se dispuseram a representá-los foram, durante muitos séculos, ignoradas, justamente por apresentar algo “profano” e “periférico”, sacrificada face à centralidade da história do conquistador - esta sim, contada, resgatada, aceita e sacralizada.

Dois autores servirão para nossa análise, de modo fundamental: inicialmente, tomaremos Fustel de Coulanges, em sua famosa obra *A Cidade Antiga*, para utilizar a descrição ritualística do casamento na sociedade patriarcal grega como metáfora para a tomada da América pelos europeus. Na sequência, utilizaremos a análise de Mircea Eliade sobre o sagrado e o profano, tomando tais termos (dentre outros relacionados) de modo análogo ao contexto histórico pretendido.

A Conquista do continente americano, em especial da chamada América Latina, ainda hoje, estudos que procuram analisar este evento para além da mera reconstituição de fatos históricos. Para isso, dispomos de fontes escritas, materiais e iconográficas, das quais servem-se os pesquisadores a fim de reduzir toda a distância possível de uma verdade histórica. Sabemos, no entanto, que o historiador está sujeito a certos limites, impedindo a uma visão perfeitamente objetiva dos processos a que se dispõe a analisar. Assim, “a própria natureza das fontes se amplia, em leque, oferecendo ao historiador possibilidades cada vez maiores de abordagem. A rigor, dependendo da pergunta dirigida ao passado para recuperar as cidades de um outro tempo, não há limites para a descoberta das marcas de historicidade”<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> PESAVENTO, S. J.. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Rev. Bras. Hist.* vol.27 no.53 São Paulo Jan./Jun. 2007, p. 16.

Longe de uma abordagem tão somente subjetiva, a qual poderia colocar em xeque alguma tentativa de contribuição positiva visto que se isentaria de uma relativa neutralidade, a análise propicia, isso sim, a oportunidade de extrair narrativas enriquecedoras, pois o fato apresenta-se enquanto fenômeno, como objeto dado e compreendido pelo sujeito, mas nem sempre correspondendo à coisa-em-si.

[...] a verdade – e por extensão a verdade histórica – não existe por si mesma, uma vez que ela se coloca como um produto do discurso. Algo semelhante é-nos proposto a partir das reflexões de Jacques Derrida. Tal como Foucault, Derrida também parte de pressupostos firmados pelo estruturalismo. Tomando como base o entendimento saussureano que dissocia o signo de seu referente, Derrida radicaliza o empreendimento estruturalista dissociando o signo também do conceito que, supõe-se, ele deveria representar. Esclareçamos melhor esta questão: em Saussure não há uma correspondência natural entre a palavra (o signo) e o referente (a coisa significada)<sup>4</sup>.

O passado é, então, refletido através do presente, da memória, da(s) narrativa(s).

É ainda nessa medida que uma cidade inventa seu passado, construindo um mito das origens, recolhendo as lendas, descobrindo seus pais ancestrais, elegendo seus heróis fundadores, identificando um patrimônio, catalogando monumentos, atribuindo significados aos lugares e aos personagens, definindo tradições, impondo ritos<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> GIMENES, R. A. O.; RAGO, M. *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2000, p. 115.

<sup>5</sup> PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Rev. Bras. Hist.* vol.27 no.53 São Paulo Jan./Jun. 2007, p. 16.

Os parâmetros que aqui apresentamos podem ser aplicados a qualquer narrativa histórica, mas a relação com a América Latina se dá de modo especial, não apenas pelo contexto geográfico do autor da presente pesquisa (embora este seja um fator o qual não queremos nem podemos ignorar), mas este continente tornou-se palco, em pleno alvorecer da Modernidade, do encontro de dois mundos, representando, de muitas formas, toda a complexidade do período. Perspectivas culturais, antropológicas, políticas, econômicas etc. ganhavam novos matizes, e o quadro assim pintado estava sujeito a diferentes leituras e comentários.

Mas, antes de nos deter à análise da Conquista, realizaremos um breve, mas importante, prelúdio, a partir da obra de Fustel de Coulanges, como indicado acima, justamente no ponto em que o autor francês trata do casamento em sua obra *A Cidade Antiga*.

Aí, é traçado um panorama bastante interessante sobre os costumes e as instituições da Grécia e Roma antigas, dedicando especial atenção ao significado dos cultos que se desenvolviam. Logo no início da obra trata da questão do casamento, comparando os ritos grego e romano, considerando as crenças e leis que a este regiam. Destacamos aqui, que Coulanges aponta para o fato de que “a família grega e romana foi constituída por uma religião primitiva, que igualmente estabeleceu o casamento e a autoridade paterna, fixando as linhas de parentesco, consagrando o direito de propriedade e de sucessão”<sup>6</sup>. O casamento, portanto, se referia à propriedade, e tal constatação faz-se importante no desenvolver desta apresentação. Acrescentamos ainda que, para o pesquisador, podemos afirmar que “da religião a cidade tirou seus princípios, regras, costumes e magistraturas”<sup>7</sup>.

O casamento era conduzido e protagonizado pelos elementos masculinos, no caso, o pai e o marido, enquanto a mulher ocupava um papel secun-

---

<sup>6</sup> COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 10.

<sup>7</sup> COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 10.

dário, transitório e passivo, de filha enquanto pertencente à casa paterna, devendo seguir a divindade dessa, a esposa, agora pertencendo à casa e ao culto do esposo. Ainda assim, “é necessário notar que essa religião do lar e dos antepassados, que se transmitia de varão para varão, não pertencia, contudo, exclusivamente ao homem; a mulher tomava parte no culto”<sup>8</sup>.

As divindades se referiam às famílias, sendo que cada lar possuía um deus, diverso daquele de outro grupo. Ora, no casamento, há a mudança de um lar para outro, de uma família para outra. Assim, a mulher deve também mudar a divindade para a qual oferece culto, e assim seus ritos e orações. Destacamos aqui as palavras de Coulanges: “Trata-se de deixar o deus de sua infância, para colocar-se sob o império de um deus desconhecido. E ela não espera permanecer fiel a um, honrando a outro, porque um dos princípios imutáveis dessa religião é que uma pessoa não pode invocar dois lares, nem duas séries de antepassados”<sup>9</sup>.

Temos a identificação de três atos, considerando a cerimônia do casamento, na análise de Coulanges, de um momento inicial diante do lar paterno, até o ato final, já no lar do marido. Entre estes dois momentos, identificamos a passagem, carregada de simbolismos, conforme iremos citar a seguir. Vejamos, pois, cada um deles: “Na casa paterna, em presença do pretendente, o pai, de ordinário rodeado pela família, oferece um sacrifício. Terminado este, declara, enquanto pronuncia uma fórmula sacramental, que dá a filha ao homem que a pediu”<sup>10</sup>. A declaração proferida, chamada aqui de fórmula sacramental, é condição essencial e “indispensável para o casamento”, sem a qual a mulher não pode passar ao lar do agora esposo, visto que estaria ligada ao lar paterno. Assim, através do ritual e das palavras, o pai a “desliga” do lar paterno, permitindo à jovem

---

<sup>8</sup> COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 36.

<sup>9</sup> COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 36.

<sup>10</sup> COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 37.

não apenas ocupar a casa do esposo, mas também adorar novos deuses, submetendo-se a uma nova religião. O segundo momento é narrado com riqueza de detalhes por Coulanges. Destaquemos alguns:

a jovem é levada para a casa do marido. Às vezes, é o próprio marido que a conduz. Em algumas cidades o encargo de levar a jovem cabia a um daqueles homens que entre os gregos estavam revestidos de caráter sacerdotal, e que chamavam de arautos. A jovem, comumente, é colocada sobre um carro, o rosto coberto com um véu, e à cabeça leva uma coroa. O uso da coroa, como veremos muitas vezes, era um costume observado em todas as cerimônias do culto. Os vestidos são brancos. O branco era a cor dos vestidos em todos os atos religiosos. Precedem-na carregando archotes: é o archote nupcial. Em todo o percurso cantam a seu redor um hino religioso, cujo estribilho é o seguinte: ὦ hymén, ὦ hyménaie. Esse hino era conhecido por himeneu, e a importância desse canto sagrado era tão grande, que dava nome a toda cerimônia<sup>11</sup>.

Percebemos aqui uma série de elementos que evocam o caráter sagrado e/ou sacerdotal da cerimônia. Cada elemento traz um simbolismo e encontra seu lugar no rito de passagem que constitui o casamento. Continuemos:

A jovem não entra por si mesma em sua nova morada. É necessário que o marido a carregue, que simule um rapto, que grite um pouco, e que as mulheres que a acompanham finjam defendê-la. Por que esse rito? Seria um símbolo do pudor feminino? Isso é pouco provável; ainda não chegou o momento do pudor, porque o que se vai realizar por primeiro nessa casa é uma cerimônia religiosa. Será que esse rapto

---

<sup>11</sup> COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 38.

simulado não quer antes significar que a mulher que vai oferecer sacrifícios no novo lar não tem por si mesma nenhum direito, que ela não o adota por sua própria vontade, e que é necessário que o dono da nova casa e seu respectivo deus a introduza à força<sup>12</sup>?

Precisamos, visto os objetivos deste artigo, enfatizar este momento. O raptado simulado, do qual o autor exclui a questão do pudor, destacando o papel passivo e subalterno da mulher na sociedade grega, aparece como a etapa de transição não apenas da casa paterna para a do esposo, mas como uma mudança de paradigma religioso, no qual o culto a um deus é substituído por outro, não de modo pacífico e consentido, mas propositalmente violento. O elemento teatral pode atenuar a ação, e podemos supor se em alguns casos a mulher não tenha de bom grado aceitado seu destino ou até não leve a transição em tão grande conta. Mas em suma isto não importa: o rito *exige* a violência. Mas, aponta o autor, tudo isso é ainda a preparação, o prelúdio, para o ato sagrado que se dá na casa do esposo.

À frente do fogo sagrado, a esposa é colocada em presença da divindade doméstica. É aspergida com água lustral, e toca o fogo sagrado. Dizem-se orações. Depois os esposos compartilham um bolo, um pão e algumas frutas. Essa espécie de refeição ligeira, que começa e termina com uma libação e uma prece, essa comunhão de alimentos diante do fogo sagrado, põe os dois esposos em comunhão religiosa, como também em comunhão com os deuses domésticos<sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 38.

<sup>13</sup> COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, pp. 38-39.



Apresentado o ritual, façamos algumas considerações: chamemos a atenção, inicialmente para alguns elementos os quais ainda persistem hoje no casamento cristão (este, considerado um sacramento): desde a cor do vestido ao ato do pai confiar a filha ao marido, é inevitável fazermos uma reflexão sobre as similaridades, as quais suscitam a questão do quanto o rito grego chegou até nós. Ainda mais em um contexto em que se coloca em evidência o caráter submisso da mulher. Mas esta questão é apenas uma provocação. O que realmente nos interessa trata-se de uma relação entre dominantes e dominados, em que estes, através de um ritual, precisam renegar a antiga crença e o(s) antigo(s) deus(es), o que pode ser tomado como, em certa medida, renegar toda uma visão de mundo.

De certa forma, e nos permitindo uma análise talvez ousada, algo semelhante acontece na Conquista da América pelos europeus, com destaque para portugueses e espanhóis. O conquistador/dominador impõe sua visão de mundo ao conquistado/dominado, apresentada através da negação das divindades da “casa” e a transição brutal para um novo deus, ao qual agora deve prestar culto. Os elementos sagrados narrados por Coulanges também podem servir de base de comparação.

Considerados, portanto, os aspectos expostos por Coulanges a respeito do casamento antigo, e estabelecida a relação com o processo de dominação europeia sobre outras regiões do globo, em especial os casos dos continentes americano e africano, afirmamos que as intenções do historiador convergem para os objetivos deste trabalho, mas de modo limitado, pois que utilizamos sua referência visando tão somente de lançar luz sobre uma visão colonialista ligada aos conceitos de sagrado e profano. Tal aproximação permite, nos parece, analisar a visão europeia sobre o Novo Mundo de modo especial. O território a ser conquistado tido como profano, exigia a sacralização. Neste sentido, exercer o domínio sobre não apenas uma região, mas também sobre um povo, teria o mesmo sentido de tornar aquele objeto sagrado, conferindo-lhe significado.

Conforme apontamos acima, na transição do século XV para o XVI as mudanças percebidas no mundo conhecido trazem uma nova concepção

não apenas referente a este, mas também à questão do ser humano. A mentalidade moderna experimenta uma mudança significativa de paradigma, na passagem de uma cultura e mentalidade medieval para um novo período marcado pelo Renascimento cultural, pela Reforma Protestante, pelo surgimento da imprensa de tipos móveis, dentre outras transformações que a cultura e civilização europeia experiencia. Destas não podemos ignorar suas inter-relações e consequências, de modo a entender o contexto do advento da Modernidade muito além de uma mera transição de uma época para outra.

A respeito, neste tocante, do empreendimento das grandes navegações e da Conquista do Novo Mundo,

é necessária uma reflexão sobre o significado desta empresa: [...] Ao imaginário medieval, temeroso do fantástico, daquilo que agredia a correta ordem das coisas que ditavam os cânones da Igreja, somavam-se os relatos de viagens, as descrições do desconhecido, o reaparecimento dos textos e as teorias antigas sobre a natureza do mundo terreno<sup>14</sup>.

O aventurar-se nos mares, as viagens, as descobertas e contatos, ou seja, os aspectos e relatos empíricos e, por isso, inegáveis das Grandes Navegações chocavam-se com os cânones, com o sagrado e dogmático - e, por isso, inegável. Partimos daqui para uma breve consideração à noção do sagrado e do centro em Mircea Eliade.

Eliade<sup>15</sup> sustenta uma relação do mito com o sentido de realidade de uma ação ou de um objeto ao afirmar que este só se sustenta na imitação ou repetição de um arquétipo. Segundo ele, “a *realidade* só é atingida pela *repetição* ou pela *participação*; tudo o que não possui um modelo exemplar é ‘desprovido de sentido’, isto é, não possui ‘realidade’<sup>16</sup>”. Tal conclusão, respei-

---

<sup>14</sup> WASSERMAN, C.; GUAZZELLI, C. A. B. *História da América Latina: do descobrimento a 1900*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996, p. 33.

<sup>15</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 49

<sup>16</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 49. Grifos do autor.

tando o contexto da obra tomada aqui como referência, por certo se refere a civilizações primitivas, as quais têm no mito um dos fundamentos de sua cultura. Para o europeu, ou antes, para o indivíduo moderno, não se aplicaria a mesma dinâmica, tampouco a conclusão que segue dela, apresentada mais adiante na obra, a qual afirma que “Os homens teriam então tendência para se tornarem arquetípicos e paradigmáticos”<sup>17</sup>. O próprio autor denuncia o caráter paradoxal de uma tendência que afirma algo enquanto real no momento em que imita o outro - ou seja, em que deixa de ser ele próprio.

Apesar da delimitação da análise de Eliade, apresentada acima, sustentamos que é possível analisarmos o evento da colonização, do processo de dominação exercida especialmente por portugueses e espanhóis no início do século XVI em território americano. Ora, estes vinham em nome de suas respectivas Coroas e da fé cristã, afinal, é inegável o papel e a participação da Igreja Católica no processo. Citemos a título de ilustração um exemplo emblemático: Cristóvão Colombo. Höffner afirma que “Colombo repetia sem cessar terem sido sobretudo motivos religiosos os que o levaram a enfrentar os mares em busca do Mundo Novo”<sup>18</sup>. Tal informação é extraída da *Historia de las Indias*, de Bartolomé de Las Casas, o qual é interpretado por Höffner como que tentando transformar Colombo em herói puramente religioso, a despeito de suas motivações materiais. O responsável pelo “descobrimento” do continente americano (façanha que, de modo quase anedótico, o próprio desconheceu até o momento de sua morte) “abriu seu diário de bordo ‘em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo’, além de se autodeclarar “XPO FERENS”, o “Portador de Cristo”<sup>19</sup>.

É possível, no entanto, aproximar elementos da fé cristã, e de modo especial, da Igreja Católica das ideias de arquetipo e repetição? Eliade dá pistas, referindo-se a rituais que condizem com o cristianismo primitivo,

<sup>17</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 49.

<sup>18</sup> HÖFFNER, J. *Colonização e evangelização: ética da colonização espanhola no Século de Ouro*. Rio de Janeiro: Presença, 1977, pp. 145-146.

<sup>19</sup> HÖFFNER, J. *Colonização e evangelização: ética da colonização espanhola no Século de Ouro*. Rio de Janeiro: Presença, 1977, p. 146.

mas presentes até hoje na Igreja. Por exemplo, no batismo (outro sacramento) temos a equivalência “a uma morte ritual do homem antigo, seguida de um novo nascimento. No plano cósmico, equivale ao dilúvio: abolição dos contornos, fusão de todas as formas, regresso ao amorfismo”<sup>20</sup>.

Da mesma forma, a festa de Páscoa e a comemoração do Ano Novo seguem a mesma lógica, o que nos dá, em suma, uma possibilidade de aproximar o sentido de realidade vinculado ao arquétipo dentro de uma ótica cristã. Outros exemplos, a fim de arrematar o argumento:

Também o sábado judaico-cristão é ainda uma imitação dos deuses. O descanso do sábado reproduz o gesto primordial do Senhor, porque foi no sétimo dia da Criação que Deus ‘descansou de todas as obras que realizou’ (*Génesis*, II, 1 [sic]). A mensagem do Salvador é, em primeiro lugar, um *exemplo* a ser seguido. Depois de ter lavado os pés dos apóstolos, Jesus disse-lhes: ‘Porque eu vos dei um exemplo, para que façais o que vos fiz’ (*João*, XIII, 15). A humildade não passa de uma virtude; mas a que se pratica depois do exemplo do Salvador é um acto [sic] religioso e um meio de salvação: ‘Amai-vos uns aos outros como eu vos amei’ (*João*, XIII, 34; XV, 12)<sup>21</sup>

Na análise de Eliade, notamos um simbolismo do centro, de modo que tudo o que nos rodeia e no que, de alguma forma, percebe-se uma interferência ou presença da ação humana (“as montanhas que transpõe, as regiões povoadas e cultivadas, os rios navegáveis, as cidades, os santuários”), corresponde um arquétipo extraterrestre, “concebido quer como um ‘plano’, como uma ‘forma’, quer pura e simplesmente como uma ‘réplica’ que existe a um nível cósmico superior”<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 74.

<sup>21</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, pp. 37-38. Grifos do autor.

<sup>22</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 23.

Ora, no momento em que destaca a relação com o homem enquanto condição para que algo terreno tenha um arquétipo, Eliade confere um sentido de *sagrado* a alguns elementos, mas ao mesmo tempo aponta que “nem tudo o que existe - no ‘mundo que nos rodeia’ - tem um protótipo deste género”<sup>23</sup>. E cita exemplos:

as regiões desérticas habitadas por monstros, os territórios incultos, os mares desconhecidos em que nenhum navegador ousou aventurar-se, etc., não partilham com a cidade da Babilónia ou com o *nome* egípcio o privilégio de um protótipo diferenciado. Correspondem a um modelo mítico, mas de outra natureza: todas estas regiões selvagens, incultas, etc., estão consubstanciadas no caos; participam ainda da modalidade indiferenciada, informe, anterior à Criação. É por isso que quando se toma posse de um desses territórios, ou seja, quando se começa a explorar, *se realizam ritos que repetem simbolicamente o acto da Criação*; a zona inculta é primeiro ‘cosmificada’ e em seguida habitada<sup>24</sup>.

Os rituais serviam, portanto, para dar forma e norma ao caos<sup>25</sup>, de modo que um território só era efetivamente conquistado se passasse por um ritual que, enquanto buscava repetir um ato primordial de Criação do Mundo, conferia realidade àquilo que antes estava fora considerado profano<sup>26</sup>. Temos aí dois territórios: um centro e, por oposição, uma periferia, lugar “ao redor”, “em torno” deste centro. Por óbvio, também é possível traçar uma relação entre sagrado e profano, respectivamente.

Pensem, a partir disso e seguindo a proposta deste artigo, na relação com a América. De fato, a própria noção geográfica que os europeus

<sup>23</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 23.

<sup>24</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, pp. 23-24. Grifo do autor.

<sup>25</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 24.

<sup>26</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 25

transpuseram para a cartografia que chega a nós até hoje apresenta a Europa no centro, o que coloca os outros continentes na periferia do mapa. Tomemos como exemplo também o episódio ocorrido em 26 de abril de 1500 (cinco dias após o descobrimento do Brasil), no litoral sul do atual estado da Bahia: a realização da primeira missa na futura colônia portuguesa, imortalizado no quadro de Vitor Meirelles. “O ritual de celebração da missa, com o altar, a Bíblia, o cálice e a Hóstia, é fixado no seu momento de maior sacralidade: a consagração do pão e do vinho como Corpo e Sangue do Senhor Jesus, revelando claramente que o país nascia lusocatólico, com forte devoção ao *sagrado*.<sup>27</sup>” Na tela, tomada como fonte histórica, consta a “representação simbólica da manifestação do *sagrado*, a *hierofania* realizada durante a missa, no momento da *consagração*”<sup>28</sup>.

Finalmente, com o objetivo de conferir uma segurança maior à nossa audaciosa comparação, citemos mais uma vez Eliade: “O simbolismo do Centro [...] sobreviveu no mundo ocidental até o limiar dos tempos modernos”<sup>29</sup>.

A questão do sagrado, como podemos notar, atravessa este texto, bem como suas variantes: nos sacramentos do casamento e do batismo, nos sacerdotes que conduzem os rituais, nas hierofanias (ιερός, sagrado) descritas acima. Surge também na relação com o profano, o qual deve ser organizado antes de ser conquistado, e a partir do que estabelecemos a analogia com a periferia e o centro. De modo a concluir o desenvolvimento da pesquisa, cabe, finalmente, uma última variação do termo “sagrado”, em sua presença no conceito de sacrifício.

Etimologicamente, sacrifício deriva de “fazer sagrado” ou “tornar sagrado”. Extraímos de Girard<sup>30</sup> a noção de que “o processo sacrificial é

<sup>27</sup> ROSENDAHL, Z. “História, teoria e método em Geografia da Religião”. In: *Espaço e Cultura*. Uerj, RJ, n. 31, p.24-39, Jan./Jun. de 2012, p. 33. Grifo nosso.

<sup>28</sup> ROSENDAHL, Z. “História, teoria e método em Geografia da Religião”. In: *Espaço e Cultura*. Uerj, RJ, n. 31, p.24-39, Jan./Jun. de 2012, p. 35. Grifo nosso.

<sup>29</sup> ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969, p. 33.

<sup>30</sup> Girard *apud* SILVA, A. C. A. Algumas considerações acerca dos sacrifícios no Império Romano, Século I a.C. in: MOURA, F. N. de, (org.) *O poder imaginário: diálogos com a antiguidade, o medievo e outras temporalidades*. Imperatriz: Ethos, 2016, p. 115.

simbólico na construção de uma violência benéfica”. “A violência seria um componente natural das sociedades humanas a ser incessantemente exorcizada pelo sacrifício de vítimas expiatórias”<sup>31</sup>.

O processo de sacrificar, neste sentido, impõe uma violência ao intento de tornar algo sagrado. Não é incomum o uso da palavra *sacrifício* nos relatos<sup>32</sup> dos embates entre, de um lado, espanhóis e portugueses, e, de outro, as populações indígenas. O sacrifício humano era por certo encontrado de modo generalizado nas populações pré-colombianas, tanto entre nativos da América Central quanto nas tribos da América do Sul, e nessas sociedades havia um viés explicitamente ritualístico, que não poderia ser percebido entre os representantes dos reinos cristãos. Assim, nossa referência ao sacrifício como uma classificação das ações dos europeus sobre os indígenas deve ser interpretado na sequência de nossa análise sobre a questão do *centro-sagrado* e do *periférico-profano*. Assim, os sacramentos e os cultos, a catequização e o domínio cultural, são sinais de um sacrifício aplicado à América, que *torna sagrada*, assim como “a partir do casamento, diz um antigo, a mulher não tem nada mais em comum com a religião doméstica dos pais: ela passa a sacrificar aos manes do marido”<sup>33</sup>.

## CONCLUSÃO

Buscamos, neste trabalho, uma análise do evento da Conquista da América a partir da noção de sagrado, imposta pelo europeu, destacando este como aquele que impõe uma religião, e por isso mesmo toda uma concepção de mundo, a qual ele, o conquistador, considera central.

<sup>31</sup> Girard *apud* SILVA, A. C. A. Algumas considerações acerca dos sacrifícios no Império Romano, Século I a.C. in: MOURA, F. N. de, (org.) *O poder imaginário: diálogos com a antiguidade, o medievo e outras temporalidades*. Imperatriz: Ethos, 2016, p. 115.

<sup>32</sup> Talvez alguns dos mais francos e chocantes desses relatos seja encontrado na obra do Frei Bartolomé de Las Casas, da qual destacamos LAS CASAS, B. *O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias*. Tradução de Heraldo Barbuy. Porto Alegre: L&PM, 2001.

<sup>33</sup> COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004, p. 36.

Trouxemos, também, por uma oposição necessária, que ao mesmo tempo afirma um conceito enquanto faz emergir seu antagonismo, as ideias de *profano* e *periférico*, aplicados, por conseguinte ao território americano (embora possa ser extensivo a outras colônias).

No momento em que recorreremos ao ritual do casamento descrito n'A *Cidade Antiga*, buscamos evidenciar o ato simbólico de transposição do culto de um deus a outro, ato este violento e impositivo de modo proposital, visto que fazia parte do mesmo o destaque para quem era efetivamente o dominador e o dominado. Ora, estes papéis, no período colonial da América, são evidentes. Mas a metáfora do casamento pareceria exigir muito de nossa capacidade em estabelecer relações bastante díspares, se este fosse nosso objetivo primeiro. Na verdade, nossa proposta fora tão somente proporcionar novas chaves de interpretação para um momento histórico que transcende o fato, o qual tradicionalmente encontra uma narrativa justamente eurocêntrica.

Uma pergunta que podemos colocar refere-se ao uso justamente de autores europeus, sob muitos aspectos convencionais, em uma abordagem que pretende implicitamente uma crítica ao modelo eurocêntrico de abordar a Conquista. Admitimos que o caráter preliminar deste projeto (ainda) não nos permitiu uma relação de nomes mais adequados e coerentes com uma visão americanista - pelo menos não na dimensão que almejamos. Destacamos, no entanto, que tais autores, em especial, Eliade, são hábeis em analisar de modo amplo e justo sociedades, culturas e rituais dos mais diversos. Acreditamos que no momento em que mesmo a visão de um pesquisador europeu nos permite contestar uma história eurocêntrica, isso já é um indicativo de que estamos no caminho certo – ou ao menos em um caminho.

A Conquista da América, traria, portanto, uma analogia com o centro e o periférico. A Europa e, por conseguinte, o europeu representando a civilização, o certo e o verdadeiro, o melhor e por isso dotado de poderes e direitos sobre a América e os ameríndios, estes periféricos, selvagens, pecadores, ocupando assim a posição de dominados, submissos. Enquanto submissos, precisam renegar o culto a seus deuses, sua cosmovisão e seus ritos, em favor do Deus cristão e toda a cultura e civilização para o qual é violentamente arrastado.



O periférico precisa ser sacramentado para ser conquistado, o profano precisa ser sacramentado. Torna-se algo sagrado pelo sacrifício, para que assim encontre seu lugar no mundo e possa dotar-se de sentido, já que antes era o desconhecido, caótico e disforme, sem correspondência com a ordem cósmica. A América deixa de ser ela mesma (seja lá o que ela for) para se tornar parte do mundo. Abandona a si para ganhar um sentido que lhe é imposto, às custas de um sacrifício que, como vimos, se dá de várias formas.

## REFERÊNCIAS

- COULANGES, F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. De Jonas Camargo Leite e Eduardo Fonseca. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- ELIADE, M. *O mito do Eterno Retorno*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- GIMENES, R. A. O.; RAGO, M. *Narrar o passado, repensar a História*. Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 2000.
- HÖFFNER, J. *Colonização e evangelização: ética da colonização espanhola no Século de Ouro*. Rio de Janeiro: Presença, 1977.
- LAS CASAS, B. *O paraíso destruído: brevíssima relação da destruição das Índias*. Tradução de Heraldo Barbuy. Porto Alegre: L&PM, 2001.
- PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 27, n. 53, jan./jun., 2007. <https://doi.org/10.1590/s0102-01882007000100002>
- ROSENDAHL, Z. História, teoria e método em Geografia da Religião. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 24-39, jan./jun. 2012. <https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2012.6121>
- SILVA, A. C. A. Algumas considerações acerca dos sacrifícios no império romano, século I a.C. In: MOURA, F. N. de (org.). *O poder imaginário: diálogos com a antiguidade, o medievo e outras temporalidades*. Imperatriz: Ethos, 2016.
- WASSERMAN, C.; GUAZZELLI, C. A. B. *História da América Latina: do descobrimento a 1900*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1996.

## ENDEREÇO CORRESPONDÊNCIA:

Av. Ipiranga, 6681 - Partenon, Porto Alegre - RS, 90619-900